

“Não deveríamos ter piedade de Harpagão”

Rogério de Carvalho

1. Teatro, a arte de contar, a sua primeira lei é não aborrecer;
2. Dizer numa frase a complexidade do espectáculo; ao mesmo tempo, ser impossível traduzir a sua experiência;
3. A técnica de como contar e guiar a atenção do espectador e guardá-la vivamente;
4. Como se constrói a sucessão dos acontecimentos, *suspense* e surpresa;
5. A montagem dos materiais obedece à mesma lógica do *récit* oral, não respeitando a linearidade de tempo e espaço;
6. Precisão, sinónimo de necessidade;
7. Não deveríamos ter piedade de Harpagão;
8. Construir metáforas em que a linguagem mais eficaz pertenceria ao corpo e aos impulsos que agem no sistema nervoso;
9. A actriz ou actor explicita emoções por meio de acções físicas e vocais. As acções transmitiriam uma impressão de vida e de organicidade;
10. Charles Dullin, influência e aprendizagem – os seus escritos moldaram a forma de trabalho;
11. Transcrição de um texto de Edouard Delruelle:

“Não será a democracia o tipo de sociedade que exige a cada homem que aceite alargar a sua perspectiva à de outrem, onde a estrutura da intersubjectividade se encontra mesmo institucionalizada? Com base nesta intuição, Hannah Arendt mostrará que, por contraste, o totalitarismo é um tipo de sociedade que, por princípio, recusa esta reciprocidade de pontos de vista reduzindo todas as perspectivas a um ponto de vista único, o do chefe. Esta recusa da pluralidade arrasta consigo a perda do real, a construção de um universo social perfeitamente fantasmático, no qual todo o mundo vivido comum é pulverizado. Os campos de concentração e de extermínio são as manifestações paroxísticas desta obsessão em eliminar todo o ponto de vista “outro”. Enquanto um regime autoritário funciona como uma pirâmide em que o real é filtrado pela autoridade, mas não o negando, o regime totalitário, defende Arendt, assemelha-se, antes, a uma cebola cujo núcleo é ocupado pelo chefe e em que cada camada do sistema constitui uma forma de manter o real à distância. A estrutura em forma de cebola permite que o sistema seja imune à ameaça representada pela facticidade do mundo real. Um tal sistema, porém, encerrado nas suas ficções ideológicas, incapaz de enfrentar o real por ser incapaz de encontrar espaço para o outro revela-se sempre autodestruidor” (*Metamorfoses do Sujeito*, Edouard Delruelle).